

A PAIDÉIA KIERKEGAARDIANA

[THE PAIDÉIA KIERKEGAARDIANA]

Marcos Érico de Araújo Silva

Doutor em Filosofia pela UFPB-UFPE-UFRN, Professor do Departamento de Filosofia da UERN, Campus Caicó – CaC, Professor permanente do Mestrado Profissional (PROF-FILO), e Membro da Sociedade Brasileira de Estudos de Kierkegaard (SOBRESKI).

(E-mail: marcos_eric@yahoo.com.br / simesmo@hotmail.com)

Recebido em: 02 de maio de 2018. Aprovado em: 28/05/2018

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

Resumo: Farei uma abordagem da educação em Kierkegaard do ponto de vista filosófico sendo, portanto, uma introdução à filosofia de Kierkegaard. Educação é compreendida no sentido da *paidéia* grega. Assim como a *paidéia* se inclina para a *areté*, do mesmo modo a paidéia kierkegaardiana exige a modificação da existência. O método da comunicação indireta é a forma da educação e, assim, o ensinar do autêntico professor decorre de sua “originalidade adquirida” ao reduplicar em sua existência o que ensina apropriando-se, quer dizer, sendo, ele mesmo, aquilo que ensina. Ao contrário, o professor erudito possui apenas uma “originalidade imediata e primeira” e, por isso, apenas transmite e exhibe seu vasto saber sem reduplicá-lo. A produção pseudônima e religiosa são os dois olhos de Kierkegaard para ver a mesma questão: o tornar-se si-mesmo e sua imbricação com a realidade efetiva.

Palavras-chave: Paidéia kierkegaardiana. Si-mesmo. Areté. Modificação da existência. Originalidade adquirida. Originalidade imediata e primeira.

Abstract: I will make an approach of the education in Kierkegaard's philosophical point of view, therefore, an introduction to Kierkegaard's philosophy. Education is understood in the sense of the Greek *paidéia*. Just as *paidéia* inclines toward the *areté*, in the same way Kierkegaardian *paidéia* demands the modification of existence. The method of indirect communication is the form of education, and thus the teaching of the authentic teacher stems from his "acquired originality" by reduplicating into his existence, which teaches appropriating, that is, being himself, what he teaches. On the contrary, the learned teacher has only an "immediate and first originality" and, therefore, only transmits and exhibits his vast knowledge without reduplicating it. The pseudonymous and religious production are the two eyes of Kierkegaard to see the same question: to become self and its imbrication with effective reality.

Keywords: Kierkegaardiana Paidéia. Self. Areté. Modification of existence. Originality acquired. Immediate and first originality.

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

Para Iraquitã de Oliveira Caminha (UFPB), amigo e autêntico mestre, portador de uma originalidade adquirida.

“O que faz o Evangelho? O Evangelho [...] é a sabedoria da educação [...]”
(KIERKEGAARD, 2007, p.187)

I

“Ao empregar um termo grego para exprimir uma coisa grega, quero dar a entender que essa coisa se contempla, não com os olhos do homem moderno, mas sim com os do homem grego” (JAEGER, 1995, p. 1). Esta frase retirada da *Introdução* da obra *Paidéia: a formação do homem grego*, de 1936, publicada na Alemanha, permite-me meditar sobre a *questão da educação ou formação* em Kierkegaard. Jaeger, na *Introdução*, sente a necessidade metodológica de esclarecer dois aspectos implicados no termo grego *Paidéia*. Um primeiro aspecto que chama a atenção do leitor é com a estranheza da palavra. O leitor moderno, sem conhecimento da cultura grega, sentirá a curiosidade de saber o sentido deste termo estranho para a sua língua. Jaeger explica que qualquer opção de tradução do termo só consegue capturar um aspecto dele e não sua totalidade: “civilização, cultura, tradição, literatura ou educação” (JAEGER, 1995, p. 1). A dificuldade encontra-se no caráter reducionista de cada opção dessas uma vez que o termo grego congrega todas essas palavras e sentidos numa unidade integrativa: o termo *Paidéia* tem o condão de ao dizer mostrar a totalidade da coisa nela mesma. O outro aspecto, decorrente deste primeiro, é a exigência de que o leitor moderno deve, por assim dizer, mudar os olhos

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

para que possa ver. Um moderno deve fazer o exercício hermenêutico de olhar com olhos gregos aquilo que a língua grega possibilita de aparecer ao dizer-mostrar a coisa, a saber, *Paidéia*. Ora, só assim, entrando na atmosfera grega é possível compreender a totalidade do fenômeno em sua unidade integrativa, quer dizer, ao dizer *Paidéia*, diferente de nós modernos, o grego mostra a totalidade da coisa: civilização, cultura, tradição, literatura, educação.

Depois deste exercício hermenêutico de ver na perspectiva grega é possível traduzir por *educação* ou *formação*, por exemplo, porque já não será compreendida na perspectiva decadente, reducionista, tecnicista que a modernidade compreende¹. Neste sentido, lembro do grande filósofo, teólogo e eminente orador, Santo Agostinho, quando solicitado pelos padres para que escrevesse um livro que os ajudassem na preparação dos sermões. Com este intuito o ex-orador do Imperador Romano escreve o *De Doctrina Cristiana*. Ele, um africano, da Igreja Católica latina ajudando os padres a compreenderem melhor e, sobretudo, a comunicarem com eficácia o sentido da Palavra de Deus. O Novo Testamento foi escrito em grego. Um Padre Latino lendo em grego! Agostinho ensina a fazer o exercício

¹ Não é nessa decadência de perda do sentido que o atual governo está reformulando o ensino no Brasil? Não é desde essa perspectiva de perda do sentido, ou pior, de negação do sentido de *Paidéia* que surge a proposta não-grega, anti-filosófica do Escola Sem Partido? Uma proposta ideológica contra toda ideologia, uma proposta partidária (o “sem partido”) contra partidarismo é uma contradição em si mesma. O homem desde sempre, quer dizer, desde que aparece no mundo já se movimento num horizonte de sentido, numa pré-compreensão que dá a condição de possibilidade de conhecer isto ou aquilo. Neutralidade não existe, como bem mostra os filósofos contemporâneos e, até mesmo, a física quântica, ou o epistemólogo Thomas Kuhn. Os professores (as), particularmente de filosofia e sociologia, devem continuar tendo sua autoridade de cátedra em sala de aula ensinando aos alunos o conhecimento filosófico, sociológico que foram consolidados na cultura.

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

hermenêutico de mudar o olho: “veem o coração delas [as Escrituras] com os olhos do coração [*et cor earum sui cordis oculi vident*]”:

Não digo em tê-las [as Escrituras] lido muito e em sabê-las de memória, mas em compreendê-la bem e indagar diligentemente os seus sentidos. Porque há alguns que as leem com negligência; leem para reter de memória e negligenciam ao não entendê-las. Aos quais, sem dúvida, devem preferir-se os que não tem tão na memória suas palavras, porém veem o coração delas com os olhos do coração [*et cor earum sui cordis oculi vident*]. Porém, melhor que ambos é aquele que quando quer as expõe e as entende com perfeição (AGOSTINHO, 1957, p. 271, tradução nossa).

Há, pois, três tipos de oradores ou estudiosos: i) o homem simples, inculco que lê mas não compreende o que lê, ou, em nível mais sofisticado (sofista!), o erudito que lê muito, mas superficialmente, sem nunca atingir a profundidade do texto porque se ocupa com a superfície (este conhece muito e vastamente, mas de forma extensiva e jamais intensiva): fica absorto na letra do texto não penetrando no espírito sem o qual não faz sentido a letra, pois, nesse caso, é morta; ii) o sábio, como o cristão sério e honesto, que se preocupa mais em penetrar no espírito, no sentido do texto, do que no aprofundamento da superfície: língua, história, cultura etc.; iii) por fim, temos o ideal do orador cristão que sintetiza, melhor, que se sobressai, por assim dizer, porque ele reúne em si o erudito e o sábio. A erudição é sem valor quando carece de sabedoria. A sabedoria mesmo sem erudição é louvável. Mas a erudição a serviço da sabedoria deve ser a mais desejada e mais reverenciada. A primazia, porém, está com a sabedoria.

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

Kierkegaard reúne nele o grego ou filosófico, e o bíblico ou crístico. Kierkegaard enquanto pensador tem dois olhos: grego e bíblico, filosófico e crístico, produção pseudônima e produção religiosa. O pensador dinamarquês tem dois olhos para ver a coisa nela mesma. Posteriormente (no II) farei a articulação desta metáfora com o método maiêutico de Kierkegaard.

O título deste artigo *A paidéia kierkegaardiana* nos lança nessa atmosfera dialética do grego e do bíblico, do filosófico e do crístico, da produção pseudônima e da produção religiosa. Então, o que *A paidéia kierkegaardiana* mostra, ou faz aparecer aos nossos olhos é a questão da educação ou formação compreendida de forma ampla e holística unificando a totalidade dos aspectos implicados na palavra grega, a saber: civilização, cultura, tradição, literatura, educação. Isto significa que a educação em Kierkegaard tem o sentido de *Paidéia*. Portanto, educação como *Paidéia* se confunde ou se identifica com a própria filosofia enquanto articulação formativa ou educativa do homem grego através da literatura como consolidação da cultura sustentando a tradição e determinando os rumos da civilização ocidental.

A *Paidéia* mostra, pois, e-videncia a formação do homem. A educação fala de uma *ação que conduz para* e a form-ação de uma *ação que dar forma*. Mas o que significa este *para onde* que a educação conduz? E que movimento é este que pro-move uma *forma*? Educação ou formação aqui não tem o sentido moderno, mas grego. Não se busca fornecer determinadas habilidades ou técnicas para que, dominando-as, possa ser aplicada em vista de um determinado fim. Educação ou formação como *Paidéia* visa uma modificação da própria existência do homem e não determinados

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

conhecimentos técnicos para isto ou aquilo. Então, essa *ação* do *para onde* da educação, ou do *dar forma* da formação são movimentos que tomam a matéria-prima, bruta, de si mesmo para tornar-se si-mesmo², quer dizer, concretizá-lo, efetivá-lo, sintetizá-lo. Em uma palavra: dar uma forma (*eidos*). É, pois, um movimento que não sai do lugar, quer dizer, é, como a *Psyché* um princípio (*archê*) de movimento que não se movimenta. Isso significa uma dinâmica de realização do real em que a cada momento precisa vir a ser. Isso que precisa vir a ser neste movimento que, em sendo princípio de movimento, entretanto, não se movimenta, é a vida, a existência do

² Chamo a atenção do leitor para a grafia do si-mesmo hifenizado e do si mesmo sem hifenização para que perceba que este último, sem hifenização, é o fenômeno do homem na não-verdade sem que, portanto, tenha operado sua sintetização estabelecendo uma autorrelação *expressa* na hifenização do si-mesmo. A hifenização enquanto ligação dos dois termos, si + mesmo, tornando uma unidade, um único termo, externaliza a ideia de movimento, de integração, de síntese. Daí que na terminologia kierkegaardiana atrelamos o si mesmo ao *Individ*, indivíduo despersonalizado sem si-mesmo, e o si-mesmo ao *Selv* ou *den Enkelte*, o indivíduo singular que possui subjetividade, interioridade. A produção estética ou pseudônima problematiza em suas obras, dialogando criticamente com a filosofia, através de vários pseudônimos, visando libertar o homem de si mesmo, quer dizer, pro-cura liberá-lo para a apropriação de seu próprio, de seu *verdadeiro nome*, de sua identidade, de seu si-mesmo. Talvez a utilização de vários pseudônimos com o prenome de Johannes (João) sinalize para o sentido teológico de João Batista como sendo aquele que é apenas uma “voz do que clama no deserto” (Jo 1, 23) cujo trabalho e missão é apenas (e como é trabalho!) “preparai o caminho do Senhor” (Lc 3,4). O sentido filosófico, então, de Johannes o Sedutor, Johannes De Silentio, Johannes Climacus e, por extensão, de todo pseudônimo seja precisamente o de preparar (derrubar, abater montes, destronar o orgulho!) o caminho da filosofia para o Senhor, quer dizer, criticar a compreensão abstrata (o deserto!) como modo da filosofia compreender o homem e a realidade e, assim, preparando este caminho, cria uma abertura, uma tonalidade afetiva ou disposição (*Stemming*) que posiciona o homem no lugar apropriado para apropriar-se de si-mesmo na meditação da produção religiosa que aperfeiçoa e complementa a produção estética ou pseudônima. É este o movimento dialético de desconstrução (pseudonímia) e edificação (religiosa: *Discursos Edificantes* e *Discursos Cristãos*) de si-mesmo, do *Selv*. É precisamente isto que em sendo a filosofia kierkegaardiana é, ao mesmo tempo, a educação ou paidéia kierkegaardiana. Nada, pois, de filosofia de autópsia quando isto não conduz ao coração do texto transubstanciando minha existência, ou como ensina advertindo Santo Agostinho: “veem o coração delas [leia-se: obras de filosofia, ou a realidade] com os olhos do coração [et cor earum sui cordis oculi vident].”

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

homem. Com efeito, paradoxalmente, o homem, de certo modo, não é, mas deve tornar-se o que ele é. Em *A Doença para a Morte*, de 1849, Anti-Climacus/Kierkegaard, escreve:

Tornar-se si-mesmo é precisamente um **movimento no lugar [Bevægelse paa Stedet]**. Tornar-se significa em geral uma mudança de lugar [Bevægelse fra Stedet], porém tornar-se si-mesmo equivale um **movimento sobre o terreno [Bevægelse paa Stedet]** (KIERKEGAARD, 2008a, p. 57, tradução nossa, grifo nosso; SKS 11,151).

Algumas páginas antes Anti-Climacus escreveu esta formulação lapidar por ser tão verdadeira por capturar o paradoxo que constitui a existência do homem; a filosofia deve cuidar de explicar isto retornando sempre e a cada vez buscando uma maior e melhor clarificação disto, a saber: “[...] o eu [si mesmo sem hifenização, quer dizer, sem autorrelacionar-se] não é si-mesmo enquanto não se faça si-mesmo, e o não ser si-mesmo é verdadeiramente o desespero” (KIERKEGAARD, 2008a, p, 51)³.

³ No original lemos: “Forsaavidt da **Selvet** ikke vorder sig **selv**, er det ikke sig **selv**; men det ikke at være sig **selv** er just Fortvivlelse” (SKS 11,146, grifo nosso). Como no português temos o recurso de usar o si mesmo sem ser hifenizado (dando a idéia de deslocado de si mesmo, despersonalizado) e o si-mesmo hifenizado (aglutinação, junção, integração, dando a idéia de autorrelação, movimento) utilizo essa diferenciação para que o leitor compreenda o paradoxo, mas ao mesmo tempo a razoabilidade da possibilidade de se falar de que o si mesmo, o esteta, o homem na não-verdade, precisa vir a ser porque de certo modo ainda não é, quer dizer, precisa sintetizar a si mesmo na autorrelação para que o si mesmo seja verdadeiramente, em plenitude, um si-mesmo. Na tradução espanhola aparecem indistintamente como *eu* e *si mismo*, e na francesa *moi*, *soi*; no francês tem o *soi-même* mas não aparece na tradução marcando o *Selv*. Muito embora no contexto em que aparecem torna-se evidente a distinção, no contexto da frase ou parágrafo, para o leitor atento ou familiarizado com Kierkegaard, penso ser significativo, porém, marcar uma diferença para chamar a atenção do leitor que não tem proximidade com o pensamento de Kierkegaard. Julgo, pois, que em português a grafia com o recurso da hifenização para indicar o *si-mesmo* que se relaciona consigo mesmo e o *si mesmo* sem hifenização indicando

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

Este movimento que faz o homem inautêntico conquistar sua própria autenticidade, ou passar da não-verdade para a verdade é um movimento de interioridade, subjetividade. Não é um movimento geográfico, espacial, exterior. Mas é a verdade da apropriação em que o Indivíduo singular (*den Enkelte*) conquista, apropria-se de seu próprio, de sua singularidade, de seu si-mesmo (*Selv*). O devir do homem é, pois, um movimento *no* lugar (*Bevægelse paa Stedet*). Este deslocamento sem se deslocar e, precisamente por isso, só assim promove essencialmente o deslocar é que é a experiência de *arché*. É o começo sem começo porque desde sempre já começou. É a experiência do homem que é afetado e, portanto, experiência ao mesmo tempo de *pathos* por um modo de ser, do homem ter de se fazer. É a ex-periência (*Erfahrung*) de se ver jogado, melhor, da necessidade de se ver lançado nisto, a saber, na possibilidade de poder ser ou ser-capaz-de (*Muligheden af at kunne*). Ex-periência de círculo, paradoxo (= movimento no lugar; = si mesmo que precisa tornar-se si-mesmo), é sinal e indício da especificidade do ver filosófico, grego. Esta é a ação que a educação ou formação pro-move em tornando o homem um si-mesmo, um *Selv*. Eis, portanto, o sentido filosófico da *paidéia kierkegaardiana*.

a carência da síntese, a falta de movimento de autorrelação não só evidencia com mais clareza o movimento paradoxal do *si mesmo* ter que tornar-se *si-mesmo*, sem implicar em contradição, como também insere de forma significativa Kierkegaard no diálogo filosófico da filosofia alemã acerca do *Ich* (*Eu*) e *Selbst* (*Si-mesmo*). Penso particularmente no contexto de *Ser e tempo* (2006) de Heidegger (§25) em que o si-mesmo (*Selbst*) não é entendido como um eu, um ser simplesmente dado, como uma substância, uma coisa pronta e acabada, mas precisamente como sendo um modo de ser do *Dasein* como movimento de a-propriação de si-mesmo, de seu próprio. Em *A Fenomenologia da Vida Religiosa* de 1920-21 o jovem Heidegger escreve: “Na maioria das vezes, é-se levado a analisar apenas teoricamente conceitos configurados do psíquico, porém, o si-mesmo [*Selbst*] não se torna problema. [...] Trata-se aqui apenas de conseguir alcançar o princípio [de natureza pré-teorética] para a compreensão da própria filosofia (HEIDEGGER, 2010, p. 17-18).

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

A paidéia kierkegaardiana, portanto, não é outra coisa senão a totalidade do *corpus kierkegaardiano* que possibilita ver, através dos dois olhos de Kierkegaard, quer dizer, de sua maiêutica, as perspectivas de conduzir o homem da não-verdade para a verdade. A Teoria dos Estádios Existenciais (estético, ético, religioso), na dinamicidade variável – ou estético, ou ético-religioso; ou estética imediata e mediata, ou religiosidade A e religiosidade B; ou... ou... – como reflexo e tradução da existência, em que aparecem nas diversas obras, não é, melhor, não pode ser outra coisa senão a *fundamentação filosófica* do devir do homem, a saber: *A paidéia kierkegaardiana*. Por conseguinte, abordar a educação ou formação em Kierkegaard como filósofo *na perspectiva filosófica* significa ver a coisa com os dois olhos: filosófico e crístico, a produção pseudônima e a produção religiosa. Com efeito, a educação ou formação em Kierkegaard significa a *paidéia kierkegaardiana* e esta se confunde, portanto, com sua própria filosofia. Em seu *Diário*, em 1851, ano em que publica *Sobre Minha Obra de Escritor*, Kierkegaard escreve:

Então, com a educação em outros tempos. (...) (A educação já foi transmitida com a vara, como visto no *Erasmus Montanus* de Holberg). Agora não há nada além de admoestação, tudo se reduz à compreensão; a criança deve compreender que se quer o seu bem, etc. – mas a existência no fundo não é afetada. Considere agora as coisas mais elevadas. No campo religioso a atenção, também, foi voltada para o “meditar”, para o “compreender”. É claro que isso também pode ser um esforço: mas o verdadeiro esforço consiste na mudança da existência, e é um imenso equívoco acreditar que é suficiente ter compreendido as coisas mais elevadas para fazê-las. Oh, do compreender ao fazer a distância é infinita, muito maior que do não compreender para o compreender. No primeiro caso, há uma completa

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

μεταβασις εις αλλο γενοσ qualitativa. Mas, existencialmente, o homem é muito relutante em se relacionar com o risco: para ter êxito em entender e entender ele pode, por sua vez, passar toda a sua vida sem que a existência tenha mudado de comportamento. Nós riríamos se um candidato a um diploma do ensino médio, apresentando-se ao exame, dissesse: “Vou me apresentar na próxima vez!” - mas todos nós não fazemos o mesmo? Nós trabalhamos tanto para compreender e dizemos: “É suficiente eu ter compreendido; então depois eu farei isso [que compreendi], veja que então a coisa virá por si só, etc.”. E depois a morte nos colhe! Mas se a morte não nos impedisse, certamente teríamos feito isso [que foi compreendido]. Claro..., se isto é primeiro você compreendeu bem! Oh, humana astúcia do compreender! Um dia de jejum, um ato para testemunhar a verdade: tudo isto toca uma existência de um modo completamente diferente que dez ou cem anos de estudo. Trabalhando na direção do compreender se toma um caminho falso, e é muito mais verdadeira a concepção tradicional que empurrava para começar imediatamente com o agir (KIERKEGAARD, 1980, p. 37; D 9, 3512 [X A 289], tradução nossa).

A educação em tempos anteriores ao de Kierkegaard, ao que parece, prevalecia por meio da força ou violência. O que resultava dessa forma era uma ação exterior privada de disposições interiores do indivíduo: “a existência no fundo não é afetada”. O indivíduo agia, por educação, quer dizer, por força de uma autoridade externa que o forçava para um modo de ser e agir. Nos tempos de Kierkegaard a necessidade da ação é substituída pela admoestação, pela advertência, pelas normas e regras⁴. A educação, pois, é reduzida a ideia de que a primazia está no compreender. Nos

⁴ Sobre esta crítica de Kierkegaard (KIERKEGAARD, 2012) veja *Uma Recensão Literária* (ou *Época presente*) de 1846.

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

“tempos anteriores ao de Kierkegaard” e “no tempo de Kierkegaard”, significa: em todo tempo e lugar a educação, ou qualquer questão, sempre é colocada numa relação equívoca com a verdade. Diante da situação do modo de ser da educação, Kierkegaard apresenta-se como filósofo para chamar a atenção da relação autêntica com a verdade. A posição de Kierkegaard é garantir a primazia do agir em relação ao compreender, ao tratar da educação, como de qualquer outra questão. Mas um agir livre do indivíduo em que é afetado e co-movido (*Pathos*) pela educação, enquanto *paidéia*, desencadeando no indivíduo o desejo de agir, quer dizer, de tornar-se si-mesmo apropriando-se de um modo de ser no mundo. Nessa perspectiva, desde a tonalidade afetiva (*Stemming*) da verdade, o indivíduo fica imune do contágio perigosíssimo do compreender que protela disfarçadamente (através do compreender!) o agir, buscando, ao contrário, o compreender, mas na justa medida que o conduz a si-mesmo. Desde fora da tonalidade afetiva (*Stemming*) da verdade o compreender se mostra para o indivíduo como tentação do sempre mais compreender e, assim, o indivíduo, com toda solenidade e erudição, é tomado pela atmosfera (*Stemming*) da nivelação (*Nivelleriing*) e, portanto, do desespero (*Fortvivelse*). Com efeito, o indivíduo mesmo com toda sua erudição, ou por causa dela, se despersonaliza, vivendo na desmedida (*Hybris*) que o afasta de si-mesmo. Quando o compreender tem a primazia em relação a ação isto já é sintoma e odor (desagradável!) de que o indivíduo está doente de desespero e sofre dos males do “lado sombrio da época” (KIERKEGAARD, 2012, p. 74): a *conversa fiada* ou *falatório* (*snakke*), a *informidade* (*Formløshed*), a *superficialidade* (*Overfladiskhed*), o *galantear* (*Leflerie*), a *loquacidade* (*raisonere*).

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

A primazia do compreender, da lógica e do pensamento calculador das ciências, em uma palavra, a filosofia de “autópsia” (KIERKEGAARD, 2013, p. 48) é equívoca e enganadora. “Trabalhando na direção do compreender se toma um caminho falso” (KIERKEGAARD, 1980, p. 37; D 9, 3512 [X A 289], tradução nossa), quer dizer, o filosofar, o fazer filosofia não deve, paradoxalmente, tomar o caminho, a via do compreender, mas o filosofar se faz e *per-faz* pela via da apropriação do compreender na existência. O caminho do compreender é *a posteriori*, é epigonal, pois a experiência primeira, a primazia, a *arché*, deve-se ao movimento da vida fazendo Vida, o si mesmo (*Individ*) tornando-se si mesmo (*Sehr; den Enkelte*) e, portanto, um movimento carregado de *pathos* qualificando a existência⁵! A partir disto e por causa disto, quer dizer, desde essa experiência pré-teorética é que o compreender, a teoria, encontra seu lugar de explicitação enquanto e como estando a serviço da ação, da efetivação ou apropriação da existência. Não seguindo este movimento e,

⁵ É justo isto que Kierkegaard designa de edificante ou edificação. É um pensar que se edifica a partir ou desde as fundações (Cf. KIERKEGAARD, 2005, p.242-243). Fazer filosofia abstratamente, segundo os critérios da lógica e do pensamento calculador, da “autópsia”, é precisamente não partir das fundações e, portanto, sair da atmosfera (*Stemming*) kierkegaardiana. As fundações são a *arché* e o *pathos* da filosofia kierkegaardiana, as tonalidades afetivas, a saber: angústia, desespero, amor, repetição, preocupação, paciência, etc. Entendê-las em categorias lógicas abstratas significa compreendê-las em seu próprio modo de ser, ou desvirtuá-las tirando-lhes suas forças existenciais? Tomando o caminho do compreender ao explicá-las nessa paisagem estranha a elas não as deturpamos ao invés de penetrarmos existencialmente em seu verdadeiro sentido? Gabriel Marcel defende que explicar o mal conceitualmente, contemplativamente “deixa de ser o mal sofrido: simplesmente deixa de ser o mal” porque já não nos afeta, pois compreender efetivamente o mal sem desvirtuá-lo em considerações lógicas abstratas significa “que *estou implicado nele*, no sentido que estamos implicado em um negócio” (MARCEL, 1987, p. 39, grifo do autor). Tomar o compreender como primazia, estabelecendo o pensamento objetivo como *Stemming* de uma determinada filosofia não é justamente tal procedimento a prova cabal do pensamento objetivo oposto e antítese do pensamento subjetivo no qual se enquadra o kierkegaardiano?

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

portanto, dando primazia ao compreender, a teoria, a filosofia, a educação se descaracteriza e se destroça sob o peso pesado (e triste, carente de vida!) da erudição.

Autó-*psia* diz *ver por si mesmo*. Refere-se a exame de cadáveres para determinar as causas da morte e doenças do morto. Transpondo para a cultura, mais especificamente, para a filosofia e, portanto, para a dimensão do espírito é um equívoco. Fazer filosofia ao modo de autópsia é querer partir e fragmentar o corpo, os órgãos, a letra com o intuito de encontrar, de ver por si mesmo, através disto, o espírito. É o fenômeno do “zelotismo da letra” (KIERKEGAARD, 2013, p. 40) porque embora pense e anuncie que busca o espírito na verdade, e, em verdade, adora a letra. Se for verdade que este procedimento extrai muitas informações sobre o corpo, sobre a letra, tornando alguém um erudito, um filósofo ou professor legista, é igualmente verdade que jamais consegue *ver por si mesmo* o espírito. “O pensamento abstrato [de autópsia?!] ajuda-me, portanto [...] como, em Holberg, o médico tirou a vida do paciente com seu remédio – mas também afugentou a febre” (KIERKEGAARD, 2016, p. 14). Fazer filosofia ao modo de autópsia, na cadência decadente da disritmia da lógica e do pensamento calculador da ciência, é coisa de Tomé, ou melhor, de Judas, o Iscariotes!⁶.

⁶ Na linguagem corpórea e espiritual da capoeira – complementa Carcará, meu pseudônimo - plena de vivacidade e de ritmo próprio e apropriado, na musicalidade que desvela e revela situações, seria comunicado indiretamente a carência de *mandinga* (pseudonímia!) para a coisa, a falta de jeito para girar na roda efetiva da vida. A discussão crítica aqui de autópsia enquanto um ver por si mesmo, mas na atmosfera de *legista* (legalista!), de corpo sem alma, de textos sem espírito, relaciona-se a necropsia, a cadáver. Mas a autópsia em seu sentido positivo e excelente é o ver por si mesmo, autópsia, mas na atmosfera do médico ou de um autoexame, em vista de um diagnóstico relacionado à saúde, à vida; é o modo do hermeneuta, não do analítico! Neste sentido mais positivo, neste modo de ver a coisa pelo

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

“Oh, humana astúcia do compreender!” (KIERKEGAARD, 1980, p. 37; D 9, 3512 [X A 289], tradução nossa). De fato, é uma astúcia do compreender que contaminando, numa determinada forma de desespero, o erudito e homem culto, desdobra-se diante de seu espírito trilhões de justificativas lógico-demonstrativas, da antiguidade aos nossos dias, fazendo-o escolher alguma delas como chave de compreensão, num verdadeiro mortal carpado ou numa folha seca interpretativa, des-locado da existência, justificando *para depois* o agir efetivo e, ao mesmo tempo, anestesiando sua consciência para estar acomodado comodamente em sua inautenticidade, na não-verdade.

É um grande equívoco confundir ou ocultar o verdadeiro movimento inserindo o compreender como *arché*. Daí segue-se o erro de acreditar que quanto mais compreende, quanto mais conhece algo isso já

filósofo hermeneuta, a autópsia só se interessa pelo corpo, pelos textos porque sabe que eles custodiam a alma, o espírito. O filósofo busca no texto o que está para além do texto: a voz do Ser ou de Deus. Extrair uma meditação desta atmosfera positiva de “autópsia” é tema para outra meditação, que desejamos empreender, num diálogo de Kierkegaard com Heidegger e Schopenhauer. Schopenhauer escreve criticando os eruditos, àqueles que se atém e investem no conhecer muitas informações sobre tudo, mas não se concentram na simplicidade da coisa ela mesma; não saboreiam a variação do mesmo (*Selbe*), da mesma questão, mas pensam e se embriagam na variação de muitos temas “aprofundando” na horizontalidade da superfície da coisa: “Ler em lugar das obras originais dos filósofos exposições de suas teorias ou, em geral, história da filosofia é como pretender que outro mastigue a própria comida. [...] Mas com relação à história da filosofia está realmente a seu alcance **tal autópsia de seu objeto**, em concreto, nos escritos originais dos filósofos [...] (SCHOPENHAUER, 2006, p. 67, tradução nossa, grifo nosso). Heidegger escreve no semestre de verão de 1928 em Marburgo: “A grande esterilidade dos cursos acadêmicos sobre filosofia tem seu fundamento, entre outras coisas, em que, em um semestre, se pretende ensinar ao ouvinte, seguindo os conhecidos grandes traços [visões panorâmicas!], o mais possível sobre tudo o que há no mundo, ou inclusive mais além dele. Temos que aprender a nadar e, em compensação, nos limitamos a passear ao largo da orelha do rio, conversamos [tagarelamos] sobre o murmúrio da corrente e falamos das cidades e aldeias pelas que ela flui. **É certo que desta forma nunca surgirá no ouvinte a chispa que permita fazer crescer nele uma luz que nunca mais poderá apagar-se em seu Dasein**” (HEIDEGGER, 2007, p. 17-18, tradução nossa, grifo nosso).

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

implica em apropriação existencial. Kierkegaard é claro ao escrever que existe “uma completa μεταβασις εις αλλο γενοσ qualitativa” (KIERKEGAARD, 1980, p. 37; D 9, 3512 [X A 289], tradução nossa) do compreender para o fazer. Não se passa do compreender para o fazer, para a ação. Isto está interdito. É no fazer da ação, quer dizer, em agindo que somos conduzidos à explicitação do agir da ação. Esta confusão de dar, equivocadamente, primazia ao conhecer atinge não só a educação escolar, a filosofia, mas afeta até em nível religioso. O tom que harmoniza a educação ajustando-a na justa medida de si mesma encontra-se no promover a mudança da existência. Eis o verdadeiro movimento intelectual (*inter-legere*)! Não se pode negar que tomar o caminho equivocado do compreender não seja um esforço. E que esforço! Mas um esforço que incha mantendo uma flacidez que não tonifica verdadeiramente; basta um olhar socrático para logo perceber a sofist-icação, erudição, flacidez do empreendimento. “O verdadeiro esforço consiste na mudança da existência, e é um imenso equívoco acreditar que é suficiente ter compreendido as coisas mais elevadas para fazê-las” (KIERKEGAARD, 1980, p. 37; D 9, 3512 [X A 289], tradução nossa). O verdadeiro esforço da filosofia e, portanto, da educação, é um movimento que promove a tonificação e modificação da própria existência, quer dizer, o dever do homem exige necessariamente uma modificação de todo seu ser e não apenas em acréscimos de compreensões em nível intelectual-cognitivo.

Ora, quando o grego fala *paidéia*, compreendendo educação ou formação neste sentido amplo e integrativo, isto conduz a conectar, como mostramos, a *paidéia* com a filosofia. Neste sentido, como evidenciamos, a *paidéia* kierkegaardiana não é outra coisa senão a filosofia de Kierkegaard que

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

exige a transformação do indivíduo nele mesmo, quer dizer, o percurso da apropriação existencial desde si mesmo (*Individ*) para si-mesmo (*den Enkelte; Selv*). A paidéia kierkegaardiana, melhor, a filosofia de Kierkegaard não é outra coisa senão a descrição da *via sacra* da existência, a cristificação ou concretização do existente.

Este acento na modificação da própria existência, esta exigência eucarística que transubstancia a própria existência liberando sua identidade verdadeira é o que o grego chama de *Areté*. *Areté* é *Virtú*. Mas *areté* não é virtude em sentido decadente, derivado de virtude moral. Aqui, antes, originariamente, *areté*, em grego, e, com o olhar ou perspectiva (a palavra diz *ver através*) grega, não soa ou ressoa a beatice, não evoca a figura de alguém que construiu sua própria santidade a partir e em vista de um moralismo sem jamais tocar na dimensão mais originária e, portanto, mais verdadeira e autêntica da santidade, a saber, a mística. *Areté*, aqui, pois, não tem relação com “santo de pau oco”! *Areté* justamente se opõe a isto porque é uma virtude, uma força, um poder que nasce e se desenvolve desde dentro, no silêncio e solidão, sem holofotes, no anonimato de uma vida oculta, preenchendo, melhor, irradiando desde dentro até atingir a totalidade do homem e dos homens. Um homem que atingiu a *areté* é um indivíduo singular (*den Enkelte; Selv*) porque não tem mais um oco, mais hipocrisia, porque o oco originário, o vazio de sua constituição indeterminada foi preenchido pelo Ser, melhor, este indivíduo singular foi atingido, tocado, afetado (*Pathos*) por um modo de ser. Apropriando-se de um modo de ser o indivíduo se singulariza, sendo preenchido, sendo unificado, sendo um si-mesmo ao se determinar efetivando um modo de ser, ele torna-se perfeito (*areté!*) por ser feito, do princípio ao fim, através

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

daquilo que fez. A *areté* indica, pois, a per-feição do homem, o ser atravessado de cabo a rabo pela conquista de sua identidade, de sua feição. A *areté* em afirmando e ficando força, virtude, poder na existência do homem concretiza a *excelência* do homem em se fazer verdadeiro homem. A *areté* é outro nome para dizer o devir existencial do homem, o movimento que desde si mesmo (*Individ*) apropria-se ou conquista a si-mesmo (*den Enkelte; Selv*). Este movimento do homem se fazer Homem, singularizando-se, da vida se fazer Vida, do si mesmo se fazer *Selv* é o movimento, a passagem da não-verdade para a verdade e, assim, é o pão de cada dia que alimenta todo filósofo. Filósofo tem que se ocupar primariamente disto e explicar somente isto. Apenas e somente isto! É aí que a filosofia acontece, aparece, nasce, cresce e se eterniza! “E o Logos se fez carne e habitou entre nós”. “Vinde e vedel!”

Este movimento que acima descrevemos como sendo a *paidéia* kierkegaardiana que se confunde com a própria filosofia agora se conecta também com a *areté*. A *paidéia*, com efeito, visa a *areté*. A *paidéia*, enquanto educação ou formação, tende para, inclina-se para a *areté*. O *telos* da *paidéia* é, pois, a *areté* enquanto e como a excelência, a nobreza do homem. A *areté* é, então, a realidade efetiva da *paidéia* enquanto esta é a possibilidade cumprida daquela. A *paidéia*, porém, não se determina como meio ou instrumento que se deve adquirir para se atingir uma determinada finalidade. A *paidéia* compreendida nesta decadência, ou derivação de seu sentido mais originário, seria justificável ou teria validade apenas pelos seus resultados. Os resultados, os fins justificariam e garantiriam autoridade e valor para a *paidéia*. Mas a experiência grega e o modo grego de falar *paidéia* e *areté* é mais radical por estar enraizado com a experiência da própria vida

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

fazer Vida, do si mesmo tornar-se si-mesmo. A *paidéia* estabelece uma tensão em sua inclinação para (*filia*), em seu estar afinado para a *areté* sem que isso se realize em degraus, em progresso quantitativo, mas como um salto qualitativo⁷. A *paidéia* não se validaria pela *areté* porque a *areté* não é simples resultado de algum processo, mas, antes, originariamente, a *paidéia* realiza, concretiza a *areté* em cada instante de seu vir a ser. A *paidéia* é a possibilidade de poder ser ou ser-capaz-de, *areté*. A *paidéia* já é, então, em si mesma, *areté*. A *areté* fala eloquentemente deste movimento (*paidéia*) de engendramento do novo, do renascimento do novo homem, do homem que essencializa sua humanidade singularizando-se, o homem *mais* homem, o *Selv*. Gilvan Fogel descreve com olhar de filósofo este movimento:

A educação, *paideia*, já é *areté*. O movimento para a coisa já é a própria coisa, isto é, o movimento para a *areté*, a *paideia*, já é ele mesmo *areté*. *Areté* é, pois, formação, educação; educação, formação, é, pois, *areté*. E *areté*, dizendo virtude, força, claro, não pensa ou subentende força no sentido bruto ou físico, mas força no sentido de força de ânimo, de alma, que é força vital, vitalidade. Isso, para o grego, está ligado à *excelência*, à *nobreza* ou ao *aristocrata*, isto é, ao *forte*. Mais uma vez, aristocracia, nobreza, aqui, são termos que, de modo algum, tem conotação étnica, social ou política, **mas, sim, antes, filosófico-vital ou existencial**. Referem-se pois à essência do homem, à vitalidade humana. Nobre, aristocrata, *forte*, é o homem *mais* homem, isto é, aquele

⁷ Aqui, a lógica, ou o “mito do intelecto”, como gosta de expressar Vigilius Haufniensis, “explana o círculo como uma linha reta, e aí tudo se passa naturalmente (KIERKEGAARD, 2010, p. 34). Retirando o fenômeno de seu caráter de círculo, de paradoxo, o esvazia de seu verdadeiro sentido. A lógica, a filosofia de autópsia, o professor legista, vestido sempre a caráter, de paletó e, às vezes, até de gravata, com a seriedade (sem de fato ser), afinada com seu trabalho, não compreende o que está em causa: “A qualidade nova surge com o primeiro, com o salto, com a subitaneidade do enigmático” (KIERKEGAARD, 2010, p. 32).

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

que mais decidida e mais essencialmente realiza a sua humanidade. **Educar é cultivar isso, cuidar disso.** Nesse contexto, a educação, a “paideia”, visa conquistar e realizar a “areté” e isso através da transformação do homem pelo homem, ou seja, através da transformação da humanidade do homem pelo próprio homem e isso quer dizer: através de seu saber radical ou fundamental a respeito da realidade como um todo e de si próprio, em particular – **isso, porém, é a filosofia** (FOGEL, 2010, p. 38, grifo do autor, negrito nosso).

A *paidéia kierkegaardiana* enquanto este movimento, este devir que conduz o homem para ser mais propriamente homem, para ser homem em sua excelência traduz a *areté*. A *paidéia kierkegaardiana* enquanto núcleo da filosofia de Kierkegaard implica em *areté*, quer dizer, num tipo de filosofia que postula a exigência de modificação da própria existência apropriando-se da efetivação da possibilidade mais própria que torna um si mesmo, um si-mesmo — um *Selv*.

Como, pois, se caracteriza ou se apresenta a filosofia de Kierkegaard ou *A paidéia kierkegaardiana*? O diagnóstico da época, quer dizer, de toda e qualquer época, é de que o homem está na não-verdade, está doente, não se encontra na verdade, com saúde, curado. O si mesmo (*Individ*), o modo de ser do esteta, inicialmente está na não-verdade, na indeterminação que vai se determinando na ilusão. Para tornar-se si-mesmo (*Selv; den Enkelte*), no modo de ser do ético-religioso ou religioso, precisa cotidianamente despertar, se conectar, ou se religar ao Poder que constitui e constituiu sua própria “originalidade primitiva” (*Primitivitet*) ou “estrutura primitiva” (*nemlig primitivt*) (KIERKEGAARD, 2008a, p.55; SKS 11,149), quer dizer, ontológica; não no além, mas nele mesmo, no que ele é. Aqui, realizou o

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

movimento da *paidéia* tornando-se curado do desespero, do desacordo de sua constituição impossibilitando de ser si-mesmo. Tornando-se si-mesmo, o homem *mais* homem, essencializando seu ser homem ao se singularizar, a *areté* do homem sendo e-videnciada, a própria existência com sua singularidade proclama: *Ecce homo!* Na linguagem filosófica de Kierkegaard significa: este homem *mais* homem, a excelência do homem, sua nobreza é o ter se tornado cristão ou simplesmente, um homem singular. Em Kierkegaard tornar-se homem ou cristão coincidem por ser uma única experiência que não depende de doutrina ou Igreja, mas de uma apropriação existencial do eterno na finitude do homem religando-se ao Poder, não no além, mas na finitude do próprio homem, sendo Ele, Deus, este Poder, constitutivo e constituinte da própria estrutura primitiva do si-mesmo frente a qual o si-mesmo não tem poder. Por isso que o si-mesmo tem sua fundamentação não nele mesmo, mas num Poder que fundamenta a sua possibilidade de poder ser.

É por tudo isto que Kierkegaard criou seu projeto filosófico em dois percursos dialéticos, a *pseudonímia* e a *religiosa*, considerando a necessidade de retirar o homem da ilusão, ou torná-lo atento sobre sua situação na não-verdade. Pensar com Kierkegaard a filosofia, quer dizer, o homem e a realidade efetiva, com apenas um olho ou um olhar é sofrer de estrabismo dificultando ver a coisa mesma que está em causa. Na maioria das vezes, quando a formação na filosofia se dá como erudição, buscando na filosofia respostas imediatas para solucionar problemas do real, dificilmente o estudante e professor não sofrerão de ambliopia filosófica ao olhar para a tradição filosófica. Mas fazer filosofia, estudar e/ou lecionar, implica num empreendimento difícil precisamente por exigir *acuidade de visão*

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

como admoesta Platão antes de iniciar a construção filosófica da República: “a pesquisa que íamos empreender [filosofia!] **não era coisa fácil, mas exigia, a meu ver, acuidade de visão**” (PLATÃO, 2010, p. 71, 368c, grifo nosso). Daí que em *Ponto de Vista Explicativo da Minha Obra de Escritor* Kierkegaard oferece, por assim dizer, os óculos para que o leitor (a) possa ver com nitidez a coisa mesma que está em causa:

O primeiro grupo [primeiro percurso] de escritos constitui a produção estética [pseudônima]; o último [segundo percurso], a produção exclusivamente religiosa: o *Post-Scriptum definitivo e não científico* encontra-se entre os dois, formando o *ponto crítico*. Esta obra põe e trata “o problema” que é o de toda a obra, de tornar-se cristão [...] (KIERKEGAARD, 2002, p. 31-32, grifo do autor).

Chegou, pois, o momento para explicitar o método da comunicação indireta ou maiêutica kierkegaardiana. Método aqui também deve ser compreendido em sentido grego como *metá-bodos* e não no sentido das ciências. *Metá-bodos* está dizendo um modo de se caminhar por um caminho (*bodos*) que determinará ou conduzirá a uma finalidade (*metá*). Aqui, para desespero da Lógica, ou do filósofo ou *Herr professor legista*, a finalidade não se dá como fim do processo, mas é ela mesmo o próprio caminho. O en-caminhar-se pelo caminho, lançando-se num modo de caminhar já é em si mesmo, a cada instante de seu vir a ser, o *metá*, a finalidade, o *telos*. Este modo de se caminhar na filosofia e, portanto, na *paidéia* kierkegaardiana, se dá ou se realiza mediante a comunicação indireta ou maiêutica kierkegaardiana. A necessidade da comunicação indireta engendra a produção pseudônima e religiosa. A totalidade da obra ou do *corpus*

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

kierkegaardiano, portanto, é constituída desses dois olhos ou desses dois olhares sobre a coisa, a saber, o tornar-se homem ou cristão. Que é, pois, método da comunicação indireta? Existe uma necessidade de natureza *filosófica* para criar essa dialética da produção pseudônima e religiosa, ou é um mero capricho de Kierkegaard que não tem implicação em sua filosofia?

II

Qual o sentido do método da Comunicação Indireta (*indirecte Meddelelse*) engendrar a produção pseudônima e religiosa? Em que se fundamenta este procedimento? Esta tática ou estratégia de Kierkegaard, enquanto escritor-filósofo, foi conscientemente arquitetada para combater uma dupla ilusão, ou duas dimensões de uma ilusão que corroía a vida doméstica e social dos indivíduos e na cultura, particularmente, na filosofia e na teologia, a saber: a ilusão da convicção, na cristandade, de acreditarem que já são cristãos, e a ilusão acústica de pensarem que o cristianismo se resolve ou se explica pelo conceito, pela reflexão, pela filosofia. Do ponto de vista filosófico, grego, isto gera um equívoco para o pensamento, pois o homem encontra um obstáculo para realizar ou cumprir sua essencialização ou singularização, o tornar-se o que precisa vir a ser. Ora, ao perseguir uma compreensão de homem dada pelo cristianismo que foi falsificado na modernidade e chega com Hegel, no início da contemporaneidade, a seu ápice, em que a filosofia se perde a si mesma na abstração, o homem vive ou critica um cristianismo caricaturado. E, assim, a filosofia moderna desorienta o homem através do excesso de reflexão protelando ao infinito a efetivação da ação dificultando ou mesmo impossibilitando do homem

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

ser mais homem. Esta acústica reverbera na vida prática dos indivíduos fazendo da cristandade uma falsificação do verdadeiro cristianismo. A vida prática dos cristãos perde a essência do cristianismo e, assim, desprovidos do crístico, perdem a medida de Deus, acomodando-se num cristianismo que de muitos modos reforça a ilusão de já serem cristãos, portanto, matando o movimento de conversão, todos se eximem de se esforçarem numa ação efetiva à medida de Deus porque já tem à medida do pastor, da Igreja, da cristandade. No âmbito, pois, da vida prática, já não existe prática efetiva muito embora prevalece a ilusão de *como se* existisse e, no campo da cultura, na filosofia e teologia, a compreensão e reflexão tem primazia sobre a prática, a ação, na ilusão que deste procedimento por si já fosse a ação. Instaura-se um círculo vicioso (não o círculo virtuoso do paradoxo de toda filosofia verdadeira!) perdurando a ilusão como e enquanto ilusão.

Tem razão Anti-Climacus/Kierkegaard quando afirma existir uma diferença qualitativa entre o paganismo grego e o paganismo dentro do cristianismo. Anti-Climacus declara sem ambiguidade:

Esta diferença consiste em que o paganismo antigo desconhece, sem dúvida, o espírito, porém está contudo orientado para o espírito, enquanto ao paganismo dentro da cristandade falta-lhe o espírito no sentido de que foi afastando-se dele, traindo-lhe, o que faz com que este último e peculiar paganismo represente uma negação do espírito muito mais rigorosa (KIERKEGAARD, 2008a, p. 69, tradução nossa).

Temos, pois, dois tipos de paganismo: o grego, anterior ao surgimento do cristianismo, e o paganismo *no* cristianismo, *na* cristandade e *na* cultura, afirmando-se, não obstante, cristão. O paganismo grego está

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

orientado *para* o espírito. Por isso “é bem mais preferível” (KIERKEGAARD, 2010, p. 103) – é categórico em afirmar Vigilius Haufniensis/Kierkegaard. A situação do paganismo dentro do cristianismo é periculosa porque carece de espírito, não possui o espírito e, assim, falsifica o espírito, exorciza-o, dando, porém, a ideia de que o possui. A citação acima de Anti-Climacus praticamente retoma, como ele bem declara, a reflexão de Vigilius Haufniensis, cinco anos antes, em 1844, em *O Conceito de Angústia*:

Na a-espiritualidade [cristandade e filosofia moderna] não há nenhuma angústia, para tanto é por demais feliz, é por demais contente, por demais carente de espírito. Este motivo é, porém, muito triste, e neste ponto a diferença entre o paganismo e a falta de espiritualidade consiste em que aquele se dirige *para* o espírito, e essa se *afasta* do espírito. O paganismo é, pois, pode-se dizer, ausência do espírito, e como tal muito diferente da insipidez espiritual [...] A a-espiritualidade é a estagnação do espírito e a caricatura da idealidade (KIERKEGAARD, 2010, p. 102-103, grifos do autor).

O decisivo nessas passagens para compreender a crítica kierkegaardiana está no conceito de “espírito”. Primeira linha do capítulo 1 Anti-Climacus escreve: “O homem é espírito. Mas o que é espírito? O espírito é o eu [si-mesmo]” (KIERKEGAARD, 2008a, p. 33, tradução nossa). O si-mesmo em sendo espírito está dizendo que o si-mesmo se conecta com o eterno no si-mesmo e, deste modo, cumpre ou realiza sua essencialização ou singularização ao se tornar o homem mais homem. Vigilius Haufniensis explica a inocência, quando o indivíduo se encontra na não-verdade, quer dizer, quando ainda não se determina como espírito: “A

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

inocência é ignorância. Na inocência, o ser humano não está determinado como espírito, mas determinado psiquicamente em unidade imediata com sua naturalidade. O espírito está sonhando no homem” (KIERKEGAARD, 2010, p. 44-45). Neste caso o espírito está presente, mas de forma paradoxalmente ausente, “está sonhando”, entretanto, pode ser despertado e, então, o homem efetiva sua singularização, sua passagem da não-verdade para a verdade, determinando-se não mais “psiquicamente em unidade imediata com sua naturalidade”, mas como espírito, realizando ou efetivando a síntese do si-mesmo. Este despertar é o papel de toda filosofia e, portanto, a *paideia* kierkegaardiana visa esse movimento existencial.

Kierkegaard tem o olhar grego, socrático, e o olhar crítico desvelando o equívoco de toda a filosofia moderna. É preferível a filosofia antiga que, na radicalidade de seu pensar, está numa situação de *abertura* ao espírito, do que a filosofia moderna. Esta, mesmo trabalhando os conteúdos do cristianismo, justificando-o filosoficamente, sobretudo em Hegel, na verdade, *afasta-se* do espírito. Por isso que Climacus em *Migalhas filosóficas* realiza um pensar que faz justiça ao grego e ao crítico, ao filosófico e ao bíblico por causa desses dois olhos ou das duas perspectivas de visão de Kierkegaard: a perspectiva socrática (grega) e a crítica (ou o “experimento teórico” [*Tanke-Projekt*], o “Projeto de Pensamento” do cristianismo).

O método da comunicação indireta ou maiêutica kierkegaardiana encontra sua fundamentação nesta dupla ilusão e é arquitetado conscientemente por Kierkegaard com a finalidade de destruí-la. Sua filosofia e, portanto, a paidéia kierkegaardiana está a serviço dessa

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

destruição. A produção pseudônima tem sobretudo, como apontamos, a mesma função que João Batista tinha em relação a Cristo, a saber, “preparar o caminho do Senhor”, estabelecendo uma crise, um dar-se conta do equívoco da tradição filosófica e da vida cotidiana criando no homem, no si mesmo uma abertura ao espírito suplantando o vazio do si mesmo no movimento integrativo, unitivo do tornar-se si-mesmo. A produção religiosa, trabalhando *as mesmas questões* dos pseudônimos, mas desde outra tonalidade afetiva (*Stemming*), *complementa*, *aperfeiçoa* a destruição operada pela pseudonímia, edificando sobre os destroços da ilusão algo novo no *novo* homem, no homem mais homem, quer dizer, no si-mesmo ao sintetizar o si mesmo singularizando-se.

Kierkegaard (1813-1855) não tendo morrido em 1846 como, estranhamente, julgava que aconteceria e, portanto, tendo continuado sua produção, considerou que chegara a um acabamento em 1848. Ele redige, então, a obra *Ponto de Vista da Minha Obra de Escritor: uma comunicação direta, relatório à história*, mas que só será publicada postumamente em 1859, por seu irmão o bispo Peter Christian. Nesta obra está descrito o método da comunicação indireta inclusive com um grande investimento argumentativo por parte de Kierkegaard não só para esclarecer a necessidade deste método para destruir a ilusão como também para elucidar que o *corpus kierkegaardiano* foi previamente e conscientemente construído com esta finalidade. Portanto, as obras não foram surgindo como mero desenvolvimento temático de alguma questão, nem a preponderância dos escritos religiosos, notadamente, do segundo percurso, depois de 1846, não se deve ao fato do autor ter se tornado religioso com a idade tendo abandonado a produção estética que estaria relacionada com sua juventude.

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

Kierkegaard é claro em seu autorretrato, ao olhar para a sua produção, com a seguinte “explicação: que o autor é e foi um autor religioso” (KIERKEGAARD, 2002, p. 33). No início e no fim de sua produção existem obras tanto estéticas quanto religiosas ainda que no segundo percurso predomine a religiosa após a produção pseudônima ter aplainado, preparado o caminho destruindo a ilusão provocando a abertura para o acolhimento da produção religiosa na tonalidade afetiva (*Stemining*) apropriada, própria.

O *Ponto de vista* escrito em 1848 foi, portanto, publicado postumamente em 1859, em virtude de muitos pudores e cautelas de Kierkegaard. Este tendo considerado que, em 1848, sua produção filosófica chegara a um acabamento, era imprescindível um esclarecimento sobre sua produção, sobre seu método, sobre a utilização dos pseudônimos com sua lógica, psicologia e estilos de escrita peculiares. Então, em 1851, publica, por assim dizer, uma edição reduzidíssima, de pouquíssimas páginas, do *Ponto de vista* chamado *Sobre Minha Obra de Escritor*. Em 1849 — mas que na verdade só veio a público como uma obra separada em 1965⁸ em dinamarquês — temos *A Neutralidade Armada ou Minha Posição como Autor Cristão na Cristandade*. Temos algumas páginas de *Exercícios no Cristianismo*, em 1850, que Anti-Climacus se ocupa em explicar sobre a natureza da comunicação indireta: a dupla-reflexão e a reduplicação. Em 1846 com o *Pós-Escrito às Migalhas Filosóficas* temos algumas páginas sobre a importância da forma da comunicação artística do pensador subjetivo que encarna a comunicação indireta. Portanto, o *Ponto de Vista, Sobre a Minha Obra de*

⁸ Informação extraída da Introdução (p. XXV) do Tomo XVII das *Oeuvres Complètes* de Kierkegaard (OC 17).

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

Escritor, e *A Neutralidade Armada*, tratam especificamente de explicar a posição de Kierkegaard diante de sua produção filosófica e, por assim dizer, confessar que sempre foi um ator religioso e, por isso, um cristão, apesar dos vários disfarces pseudônimos de boa parte de sua produção. Algumas páginas das obras *Exercícios no Cristianismo* e do *Pós-Escrito às Migalhas Filosóficas*, em relação ao método da comunicação indireta, se ocupam de explicar a forma desta comunicação.

Se existe, como defende Kierkegaard, o fenômeno do paganismo dentro do cristianismo, então é necessário um “missionário” (KIERKEGAARD, 2002, p. 47) que reintroduza novamente o cristianismo. Mas essa tarefa tem que ser revestida de uma tática peculiar para que possa obter o êxito, ou ao menos tornar os homens atentos. Ora, esta é a tarefa que Kierkegaard assume construindo conscientemente um Projeto Filosófico, através de seu *corpus philosophicus*, de destruição daquela dupla ilusão. Conduzir para o verdadeiro cristianismo, o cristianismo do Novo Testamento, não se faz com apologia, com dogmatismo, doutrinação, arrebanhando muitas pessoas com proselitismo farisaico, ou na atmosfera do zelotismo da letra, de normas empoeiradas de um cristianismo conservador, ou do mofo de um tradicionalismo alérgico à existencialidade do rigor e amorosidade do verdadeiro cristianismo com toda a plenitude da Boa Nova. Conduzir para, quer dizer, o movimento dialético da paidéia kierkegaardiana se efetiva ao provocar uma crise existencial em que o despertar existencial do indivíduo o coloca na necessidade de manter uma relação de apropriação existencial com o cristianismo. Isso não se faz criticando e condenando ao inferno a vida estética, de prazeres, entretenimentos, curiosidades filosóficas e científicas

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

sem a seriedade da conseqüente modificação da existência. Este missionário também não deve se colocar em situações, ou manipulá-las, para que se mostre como sendo alguém com autoridade moral, nem como alguém que tem uma autoridade intelectual ou sapiencial acima dos demais, ou que goza de uma direta predileção divina como clérigo, ou docente, ou carismático.

Se todos estão na ilusão, dizendo-se cristãos, e se é necessário trabalhar contra isso, esta noção deve ser dirigida indirectamente, e não por um homem que proclama bem alto que é um cristão extraordinário, mas por um homem que, mais bem informado, declara que não é cristão (KIERKEGAARD, 2002, p. 43).

A dialética da produção pseudônima e produção religiosa, enquanto método da comunicação indirecta, são como as *armas* para destruir a ilusão, os dois olhos de Kierkegaard para ver a coisa nela mesma reconhecendo toda impostura e inautenticidade. Esta duplicidade dialética de seu *corpus philosophicus* é tão somente a encarnação ou o ter dado corpo à ironia analisada em sua tese de doutorado em 1841: *O Conceito de Ironia Constantemente Referido à Sócrates*.

Este missionário que deve reintroduzir o cristianismo no paganismo dentro do cristianismo deve saber se colocar no lugar do outro, de seu interlocutor, daquele que se julga um cristão verdadeiro mesmo sendo um esteta sensual, ou intelectual. Eis o sentido *filosófico* dos pseudônimos em que reproduzem uma situação existencial através de um drama real vivido por este que deve receber a Boa Nova do cristianismo verdadeiro, retirando-o da ilusão, ou tornando-o atento. O pseudônimo, enquanto representa um indivíduo particular e não uma abstração da verdade ou do

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

Espírito Absoluto, possibilita ao leitor se identificar com o seu modo de vida e de pensar, evidenciando, entretanto, em algum momento da obra, os limites desse modo de existência abrindo para o mesmo a possibilidade de desejar uma outra possibilidade de poder ser, de se determinar de outro modo para livrar sua existência do vazio existencial que o pseudônimo mostra de forma arrebatadora, mas num estilo muito espirituoso, literário, de grande profundidade psicológica e embasado na tradição filosófica. A decisão, porém, é sempre do leitor. Kierkegaard não escreve para demonstrar de forma lógica uma posição que deve ser reconhecida como verdadeira e, portanto, ser aceita.

A palavra pseudônimo está dizendo no *pseudo* grego que essa possibilidade de poder ser ainda não é o nome verdadeiro, ainda não transparece a verdadeira identidade, não sendo, pois, um modo autêntico de ser possível de um *Selv*, um si-mesmo. Pseudônimo não diz, pois, apenas um falso nome, não está dizendo a falsidade de uma identidade. *Pseudo* do pseudônimo, em grego, evoca apenas que *ainda não é o verdadeiro nome*, mas que não implica ser falso porque muitos indivíduos (si mesmos; *Individ*) existem na realidade efetiva desde essa possibilidade de poder ser enquanto modo de existência⁹. É justamente para esses que vivem na ilusão de que

⁹ A existência entendida como um modo de ser possível, por exemplo, ou esteta ou ético-religioso, não está dizendo de uma passagem da não-verdade para a verdade que seja necessária. O indivíduo, um si mesmo, pode escolher não entrar no movimento de tornar-se si-mesmo, um *Selv*. Entretanto, o que se diz em tudo que foi dito é que existe a necessidade de apropriar-se de um modo de ser, quer dizer, não se pode não escolher um modo de ser porque o homem já está desde que aparece no mundo como e enquanto homem num horizonte de sentido, num modo de ser. O que a paidéia kierkegaardiana procura é educar o homem para que possa entrar no movimento existencial de seu poder ser mais próprio, tornando-se o que não poderia não ser se deseja ver-aparecer sua verdadeira identidade, seu si-mesmo (*Selv*).

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

acreditam ter o verdadeiro nome, que pensam que possuem um si-mesmo, um *Selv*, que os pseudônimos, através da comunicação indireta, possibilitam serem uma ocasião, uma possibilidade de poder despertar e, assim, despertados da ilusão, darem-se conta de que precisam se colocarem no movimento existencial da paidéia kierkegaardiana para desde si mesmo tornarem-se si-mesmo, e, assim, tornarem-se um homem mais homem, um *Selv*, um cristão.

Evoca [...] o mundo estético... e tu, homem sério e austero (lembra-te que, se não podes humilhar-te, já não és um homem sério) sê o ouvinte que os propósitos do teu interlocutor mergulham no espanto, muito divertido em os formular, e mais ainda em te ver assim atento; mas, sobretudo, não esqueças uma coisa, a retenção da adição, o religioso que tens em reserva. Ou se puderes, muito bem: descreve o mundo estético com todo os seus encantos, cativa, se possível, o teu interlocutor, mostra este mundo tomando o tom da paixão que convém a este homem, petulante se é jovem, triste se é melancólico; espirituoso se gosta de belas palavras, etc.; **mas, sobretudo, não esqueças uma coisa, a retenção da adição, o religioso a apresentar**; age apenas e sem receio, porque, na verdade este método só é possível num grande temor e tremor. És disso capaz, podes encontrar exatamente o ponto onde se encontra o teu interlocutor e começar aí, terás talvez a sorte de o conduzir ao ponto onde tu estás. Ser mestre não é cortar a direito à força de afirmações, nem dar lições para aprender, etc.; ser mestre é verdadeiramente ser discípulo. O ensino começa quando tu, o mestre, aprendes com o teu discípulo, quando te colocas naquilo que ele compreendeu, na maneira como o compreendeu [...] (KIERKEGAARD, 2002, p. 46-47, grifo nosso)¹⁰.

¹⁰ Essa tradução portuguesa foi traduzida por João Gama a partir da edição das *Œuvres Complètes* de Kierkegaard, Tome XVI, traduzida por Paul-Henri Tisseau. O tradutor francês

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

Esta longa citação articula explicitamente a necessidade da produção estética falar a língua do esteta, do homem iludido, com a educação, com o ensino. Na verdade, a educação, o ensino, para que possa ter êxito, melhor, para que a possibilidade de êxito seja algo real, é preciso partir da “realidade efetiva” (KIERKEGAARD, 2010, p. 21), como exige Vigilius Hafniensis/Kierkegaard. É preciso recriar a tonalidade afetiva (*Stemning*) na qual se move o homem iludido, através da tonalidade afetiva (*Stemning*) do pseudônimo, para que se desdobre o drama existencial da verdade da apropriação (*Tilgængelsens Sandhed*). A pseudo-nímia retrata essa apropria-(a)ção, a saga, a luta e conquista da verdade.

Na verdade, ser mestre, ter como tarefa ou incumbência ensinar algo, de natureza ético-existencial ou religiosa, a alguém, implica utilizar do método da comunicação indireta. As questões fundamentais do homem, existenciais, como é próprio das questões éticas e religiosas, não devem ser comunicadas diretamente, mas de forma indireta. Nas ciências prevalecem a comunicação direta (ou de saber), na ética e religião uma comunicação

traduziu essa frase que coloquei em negrito: “mais surtout, n’oublie pas une chose, la **retenue de l’addition**, le religieux à presenter” (KIERKEGAARD, 1971, p.22, grifo nosso). No original lemos: “men glem for Alt ikke Eet, **Menten**, som Du har, at det er det Religieuse, der skal frem” (SKS 16,28, grifo nosso). Difícil essa opção da tradução por “retenção da adição”. O fato é que nesse contexto em que o escritor religioso precisa se apresentar na cristandade, em que impera a ilusão, ele precisa escrever obras estéticas para cativar e seduzir o homem que vive na não-verdade com o intuito de libertá-lo da ilusão. Deve, pois, falar a linguagem desse homem, esteta, afetando-o de diversos modos, mas não pode esquecer o fundamental que é o religioso que está por vir, o acontecimento do religioso que a produção estética apenas prepara. Como estou utilizando a tradução portuguesa (e francesa) conservo, pois, os termos escolhidos pelo tradutor. O que é essencial, porém, no contexto e como estou interpretando é que a produção pseudônima, estética é o incógnito (*Æstetiske Incognito*) porque *retém* o religioso, quer dizer, ela conduz o homem *através* da desconstrução crítica da tradição filosófica para o edificante, para os *Discursos* (*Edificantes e Cristãos*) onde encontra-se o *acontecimento do religioso que estava por vir* (*det Religieuse, der skal frem*) em sua plenitude, sendo isto o decisivo (*det Afjørende*).

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

indireta (ou de poder)¹¹. Nas questões existenciais em que o pesquisador está implicado com aquilo que pesquisa e, portanto, por não se tratar de um objeto exterior, um *positum*, envolvendo, ao contrário, interioridade, apropriação, subjetividade é imprescindível uma forma indireta de comunicação. É mister a pseudonímia, a utilização de várias linguagens que afetem de fato o interlocutor mobilizando-o a modificar a própria existência¹². É preciso perceber neste procedimento uma mentira, um engano, um *pseudo*, implicado no procedimento. Sim, no processo educativo, pedagógico, está embutido a arte do engano na direção da verdade! Não se assume a pseudonímia, não se adota uma linguagem por ela mesma, mas por causa do religioso, para possibilitar o tornar o homem mais homem, o si-mesmo. A pseudonímia é “a retenção da adição”, quer dizer, o religioso é o *telos* da pseudonímia, sua complementação, aperfeiçoamento, acabamento. “Pode enganar-se um homem em vista do verdadeiro e, para lembrar o velho Sócrates, enganá-lo para o levar ao verdadeiro. É mesmo a única maneira quando ele é vítima de uma ilusão” (KIERKEGAARD, 2002, p. 53-54). Portanto, o estudioso da filosofia ao ler Kierkegaard deve sempre cotejar a análise de um conceito desenvolvido numa obra pseudônima com a produção religiosa do mesmo ano, os

¹¹ Para um maior desenvolvimento dessa discussão da qual Kierkegaard acusa a filosofia moderna de nem sequer discutir sobre esse problema da comunicação veja o pequeno livro de Kierkegaard (1980, OC 14): *A dialética da comunicação ética e ético-religiosa* de 1847. E, também, no *Pós-escrito às migalhas filosóficas* de 1846 no Volume 1 (2013) ver os números 1 e 2 do Capítulo 2, da Seção 1 da Segunda Parte, e no Volume 2 (2016) o parágrafo 4 do capítulo 3.

¹² Daí os vários gêneros literários, os diversos estilos de escrita, a profundidade psicológica na descrição dos fenômenos da existência em que cada pseudônimo de forma particular encarna em cada obra.

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

Discursos Edificantes, ou os *Discursos Cristãos* na busca pela “adição” que foi “retida” pelo pseudônimo.

Em *A Neutralidade Armada* aparece, como sempre, a perspicácia de Kierkegaard como filósofo. Kierkegaard retira a expressão de um contexto político, sem interesse em aprofundar historiograficamente estes fatos, mas como filósofo abstrai, transcende dessa situação e aplica-o ao seu problema filosófico por excelência. O cochilo erudito é querer conhecer todos os detalhes deste contexto: estrabismo, ambliopia ou ametropia filosófica! Kierkegaard, porém, como um vigilante (*Vigilius*), está desperto (não cochila!), consciente que o mais fundamental é compreender a expressão como algo apropriado ao problema, ao único problema a partir do qual todos os outros derivam, a saber, o si-mesmo ou tornar-se cristão e a imbricação com a realidade efetiva.

Como a obra consiste em evocar esta imagem ideal [do ser cristão] é, então, mais um trabalho que **insiste sobre certas diferenças fundamentais necessárias a seu cumprimento**. Sobretudo em função das múltiplas confusões da época moderna: eu tenho, para caracterizar minha posição, escolhido as palavras **“neutralidade” e “armada”** (KIERKEGAARD, 1982a, p. 235-236, tradução nossa, grifo nosso; OC 17).

A neutralidade armada é a expressão que Kierkegaard utiliza para retratar seu papel como escritor cristão na cristandade. Não se apresenta como um cristão, nem muito menos como um extraordinário, mas que almeja trabalhar para alcançar isto através da comunicação indireta. Ele quer lançar luz no cristianismo tendo *in mente* o ideal do ser cristão com toda a severidade nisto implicado. A filosofia ao tratar do homem e do

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

cristianismo desconsidera “diferenças fundamentais necessárias a seu cumprimento”, quer dizer, as determinações intermediárias (*Mellembestemmelser*) como angústia, desespero, amor, preocupação, paciência, repetição etc. a partir das quais o homem torna-se homem ou depara-se com uma dupla dificuldade: angústia ou dor do tornar-se si-mesmo, a dor de se fazer homem, ou no fracasso ao tentar tornar-se homem em virtude de ser tomado e arrastado por uma forma de desespero.

A neutralidade armada é o correlato filosófico da maiêutica socrática. Não é uma neutralidade passiva, pois isso não existe. Mas uma neutralidade ativa, quer dizer, armada. Ela indica sua postura, posição como escritor religioso na cristandade. Assim como Sócrates se apresentava diante dos sofistas, que se julgavam sábios, como sendo o ignorante, assim Kierkegaard se apresentava na cristandade, em que todos se consideravam cristãos, ainda que vivessem sob categorias estéticas, como um autor religioso que, por mais que se esforçasse com total sinceridade, não conseguia ser cristão. Esta ironia socrática, ou maiêutica kierkegaardiana, ganha vida e vivacidade nos pseudônimos. Vigilius Haufniensis, por exemplo, antes de mostrar a forma docente, ou mesmo ao utilizá-la na obra, escrevendo em parágrafos numerados com toda a solenidade de um professor de dogmática, em muitos momentos desvela ironicamente essa situação com muito humor:

No que toca a minha humilde pessoa, confesso com toda a sinceridade que como autor sou um rei sem terra, mas também, em temor e muito tremor, um autor sem quaisquer pretensões. Se a alguma nobre inveja ou zelosa crítica parecer uma demasia que eu use um nome em latim, então com alegria passarei a chamar-me

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

Christen Madsen, desejando acima de tudo ser considerado como um leigo que decerto especula, mas no entanto encontra-se bem fora da especulação [...] (KIERKEGAARD, 2010, p. 10).

Nessa passagem percebemos a atuação da “neutralidade armada”, da comunicação indireta. Kierkegaard justamente por ter consciência de sua missão como filósofo ou escritor religioso, um “rei sem terra”, ainda assim ajusta-se na justa medida de sua missão não querendo ter autoridade, nem ter grandes pretensões sobre aquilo que escreve ou sobre o destino de suas obras¹³. Nisto aparece a neutralidade. Mas a atividade, o ativo, dessa neutralidade é ser armada. Isto fala da dialética da comunicação indireta, de sua maiêutica, da produção pseudônima e religiosa. Na produção religiosa, enquanto comunicação direta, possibilitada pela produção pseudônima, aparece a “adição” do que foi “retido” nesta. A neutralidade armada é justamente o movimento dialético da desconstrução (pseudonímia) e edificação (religiosa), não vistos isoladamente, mas na intercomunicação de ambas. Na passagem citada acima da obra *O Conceito de Angústia* – como acontece em toda obra pseudônima – existem vários trechos, por exemplo,

¹³ Nessa mesma atmosfera Johannes Climacus inicia o prefácio de *Migalhas Filosóficas*, mesmo ano de *O Conceito de Angústia*: “Isto que aqui se oferece não passa de um pequeno folheto, *próprio Marte propriis auspiciis, proprio stipendio* [por nossos próprios meios, sob nossos próprios auspícios, às nossas próprias custas], sem nenhuma pretensão de participar da evolução da ciência, onde a gente adquire sua legitimação quer como um representante da passagem, da transição, ou da conclusão, quer como um precursor, como participante, como colaborador ou seguidor voluntário, como herói, ao menos um herói relativo, ou no mínimo como um corneteiro de importância absoluta” (KIERKEGAARD, 2008b, p.19). Quanta sobriedade para um filósofo! Ou melhor: é possível ser filósofo fora dessa sobriedade?! Quantos não se debandam ou se movem, na Academia, embriagados nessa *hybris*, lutando e se esforçando não para conquistar um si-mesmo, mas para ser ao menos *à tout prix* um “corneteiro”! Quanto ensinamento e admoestações, pelo próprio exemplo, que constringe a nós estudiosos de Kierkegaard quando adotamos outras disposições ao estudar este filósofo que não era de Berlim, mas de Copenhague!

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

no qual Vigilius/Kierkegaard revela que a obra precisa ser complementada por nela existir, como obra pseudônima, a “retenção da adição”, quer dizer, o último capítulo já trata da fé, mas precisa continuar o desenvolvimento temático nos *Discursos Edificantes* de 1844: “um leigo que decerto especula, mas no entanto encontra-se bem fora da especulação”. A especulação é o diálogo crítico com a tradição filosófica. A especulação, pois, é a tonalidade afetiva (*Stemning*) da pseudonímia e o estar “fora da especulação” é a tonalidade afetiva dos *Discursos Edificantes*, ou *Discursos Cristãos*, não no sentido de ser contra a especulação, mas de apropriar-se dela! Então, o pseudônimo *Vigilius Haufniensis*, quer dizer, o *Vigilante da Tradição Filosófica* está dizendo que especula sim, isto é, dialoga criticamente com a tradição filosófica, mas o faz para destruir o modo tradicional de compreender o homem e a realidade efetiva de forma abstrata, conduzindo o leitor atento para a tonalidade afetiva dos *Discursos* onde o homem é tratado concretamente a partir de determinações intermediárias.

É muito significativo que Kierkegaard, em *A neutralidade Armada*, explicando sua posição como autor na cristandade, escreva essa meditação – na citação abaixo – que é tão só o reconhecimento de Kierkegaard filósofo colocando-se na tonalidade afetiva do filósofo verdadeiro em meio aos acontecimentos de sua época.

A idealidade, em relação ao fato de ser cristão, é sempre uma interiorização [=singularização]. Quanto mais a concepção dessa condição é ideal, quanto mais ela se interioriza, mais a realização torna-se difícil. O ser cristão sofre uma transformação que eu ilustrarei por uma comparação de ordem profana. Houve primeiro na Grécia os Sábios, σοφοί. Mas veio Pitágoras e com ele a determinação da reflexão relacionada ao fato de

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

ser sábio, a reduplicação; ele nem ousou dar a si mesmo o nome de sábio, mas contentou-se com o de φιλοσοφος. Isto é um regresso ou um progresso? Não foi melhor concebido sob uma forma mais ideal o sentido e a exigência deste termo de sabedoria, de sorte que Pitágoras deu prova de sabedoria em não ousando se qualificar a si mesmo de sábio. E agora, retornemos à minha “neutralidade armada” (KIERKEGAARD, 1982a, p. 243-244, tradução nossa; OC 17).

Os filósofos no século XIX, mais precisamente após a morte de Hegel em 1831, através da esquerda hegeliana, estão pensando criticamente a relação da filosofia com o cristianismo. Os elementos dessa crítica são contra a compreensão abstrata de homem e da vinculação racional de filosofia e cristianismo. Kierkegaard entra neste debate crítico em Copenhague, escrevendo em sua língua materna e não em alemão (hoje seria o inglês!) sobretudo porque na Dinamarca predomina a forma hegeliana de fazer filosofia. Assim como Pitágoras diante da grandiosidade do ser sábio não ousou se denominar a si mesmo de sábio, mas contentou-se em ser amigo da sabedoria, isto é, filósofo, da mesma forma, Kierkegaard, diante da excelência do ser cristão, não ousa se denominar um cristão, mas se coloca na posição daquele que sabe o que de fato implica ser cristão e, portanto, vive na tensão, na *filia*, de buscar e conquistar tornar-se cristão. Assim, neste contexto, Kierkegaard atualiza a filosofia e corresponde, no século XIX, às exigências da filosofia fazendo justiça ao modo grego, filosófico, e ao modo bíblico, cristão.

Na passagem citada acima Kierkegaard mostra uma característica da comunicação indireta: a reduplicação. Diante da idealidade implicada em ser sábio porque implica sempre interiorização, singularização, apropriação, já que não se trata de uma coisa, de um *positum*, então Pitágoras muito

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

sabiamente recusa se qualificar de sábio, mas re-duplica, quer dizer, procura efetivar, viver nisso que compreende e pensa qualificando-se de filósofo. Filósofo, pois, não é aquele que é sábio, não se julga sábio, nem muito menos tem postura de sábio. Filósofo vive no elemento da filo-sofia. Ele respira a atmosfera da escuta e obediência da voz da *sofia* para modificar sua existência, tornando-se filósofo, quer dizer, aquele que pensa e vive na harmonia e inclinação amistosa da *sofia*. Filósofo é, nesse sentido arcaico, um σοφοι, um pensador subjetivo, um amoroso. Filósofo não pensa apenas a *sofia* através do *lógos*, mas ele reduplica essa experiência encarnando em seu corpo a verdade da apropriação. Filósofo não possui a *sofia*, mas vive a experiência (*pathos*) de sua perene gestação. Essa experiência de gestação em que exige ou provoca a modificação do corpo, da existência, por causa da reduplicação implicada na filosofia, na paidéia kierkegaardiana, é retratada no Projeto Filosófico de Kierkegaard do primeiro ao segundo percurso de suas obras. Em *Sobre Minha Obra de Escritor* Kierkegaard escreve:

Tal é também [...] o *movimento* cristão. O cristão não parte da simplicidade para se tornar então interessante, espiritual, profundo, poeta, filósofo, etc. Não, é exatamente o contrário; é por este último estágio que começa, então se torna sempre mais simples, ele *vem* à simplicidade (KIERKEGAARD, 1982b, p. 265, tradução nossa, grifo do autor; OC 17).

Este movimento da complexidade à simplicidade, da pseudonímia à produção religiosa ou *Discursos* é a *arma* da neutralidade armada, quer dizer, é o despertar, o conduzir o homem para ser mais homem, do si mesmo tornar-se si-mesmo, da vida fazer-se Vida. Lemos em *O Evangelho dos Sofrimentos*:

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

Orientação no caminho da vida é algo que em verdade se oferece bastante, e não é de admirar, posto que cada desvio da rota se apresenta como sendo uma orientação. Mas enquanto os desvios são muitos, a verdade é contudo uma única, e só a única, que é o “caminho e a vida”, só uma única orientação, que em verdade conduz o ser humano pela **vida até a vida** (KIERKEGAARD, 2018, p. 79, grifo nosso).

O problema filosófico por excelência é o homem e a realidade efetiva (*Virkelighed; Wirklichkeit*) para todo e qualquer filósofo. Kierkegaard, como todo filósofo, procura – em tudo que escreve, em cada obra que desenvolve com temas específicos próprios – clarificar a cada vez o pano de fundo e a finalidade de seu *corpus philosophicus* enquanto fundamento de cada obra, a saber, a elucidação da articulação de homem e realidade efetiva, quer dizer, o movimento do tornar-se homem, si-mesmo, cristão, partindo da complexidade e repousando ativamente na concentração do essencial, no simples. “Que nos armemos de paciência” (KIERKEGAARD, 1982a, p. 237, tradução nossa; OC 17) — lemos em *A Neutralidade Armada*. É preciso, pois, ter paciência porque compreender a articulação do homem e da realidade efetiva sem cair em abstrações isto implica em reduplicação da existência, na qual vivemos no que pensamos e compreendemos. Isso nos coloca em meio às determinações intermediárias da existência. Quando nos lançamos no movimento da paidéia kierkegaardiana, de sua filosofia, para nos tornarmos o que somos, quer dizer, para cumprir a nossa possibilidade mais própria, apropriando-se de si-mesmo temos que ter paciência. Paciência é um conceito importante no segundo percurso, nos *Discursos*. É preciso ter paciência para adquirirmos a nossa alma, quer dizer, paciência para tornar-se si-mesmo. É preciso paciência em meio às preocupações e

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

aflições da vida que sempre tomam e afetam o homem e, sem a paciência, de persistir na dor de se fazer homem, experimentaremos a dor de não ter (ou perder!) um *Sehv*.

Chegando ao término desta meditação gostaria de apontar para o que Kierkegaard designa de “categorias conceituais deste seu ensino” (KIERKEGAARD, 2007, p. 191; SKS 11, 42), uma distinção significativa entre “originalidade adquirida” (*erhvervede Oprindelighed*) e “originalidade imediata e primeira” (*ligefremme og første Oprindelighed*) em relação ao mestre, ao professor, àquele que tem sobre si o encargo do ensino e do ensinar. Isto porque ser mestre, ou professor, não pode, ou não deveria ter a forma do erudito ou do eunuco. No *Diário* de 1852 lemos:

Na antiguidade os filósofos eram uma força, constituíam uma força ética, um caráter. [...] O professor [no entanto] é um castrado: ele porém não se desvirilizou “por causa do Reino de Deus”: mas ao contrário, para bem acomodar-se neste mundo sem caráter (KIERKEGAARD, 1980, p. 84; D 9, 3581 [X A 450], tradução nossa).

O professor é um castrado, um eunuco porque não tem virilidade, fertilidade. Aqui não se fala de medir a fertilidade em virtude da autoridade, fama, ou conhecimento erudito. Mas de um modo de ser mestre ou professor em que de algum modo os alunos ou estudantes sentem uma força, um caráter, uma marca, um carisma a emanar e irradiar do ensinar de um mestre ou professor destituído às vezes de autoridade e mesmo quando mostra-se patente sua pobreza paradoxalmente enriquece através do seu modo de ensinar. A *originalidade imediata e primeira* é, ao contrário, o modo de ser do professor ou mestre em que seu ensinar não tem reduplicação.

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

Comunicam o que aprenderam sem a apropriação: transmitem apenas, tartareando informações. Não existe uma relação existencial entre o sujeito que transmite e o objeto transmitido. Com o autêntico professor ou mestre, em compensação, acontece a reduplicação, quer dizer, este professor ou mestre comunica o que ele apropriou.

Esta originalidade adquirida [...] é, por sua vez, simples; já que um magistério simples não depende tanto de que se empreguem expressões simples e cotidianas, nem muito menos pomposas e eruditas; **mas que a simplicidade do ensino radica no fato de que o mestre mesmo seja aquilo que ensina** (KIERKEGAARD, 2007, p. 191, grifo nosso).

Este verdadeiro professor ou mestre é um homem simples, concentrado no essencial. Seu magistério é simples e, por isso mesmo, livre porque liberto de normas, fórmulas e do desejo de exibição do saber. Está contente com o que faz por reconhecer e corroborar sua identidade nisto que faz e que não poderia não fazer. Não busca isto ou aquilo fora disto ou daquilo que já faz. É pobre e, por isso, rico. Desprendido e, por isso, livre e leve. Duro sem deixar de ser suave, terno sem ser meloso. Exerce a liderança de sua autoridade sem ser autoritário em suas exigências. Por ser um homem simples é um professor ou mestre alegre! Ele conquistou uma *originalidade adquirida*, quer dizer, seu ensino possui uma originalidade que foi adquirida, conquistada, *reduplicada* de modo que ele ensina o que ele vive e busca e, assim, ele não se limita a transmitir tartareando informações eruditas, catalogações de dados, mas comunica despertando no a-luno ou estudante a arte de “saber dialogar”.

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

O que Sócrates [originalidade adquirida = professor autêntico] a rigor criticava nos sofistas [originalidade imediata e primeira = professor erudito], segundo sua famosa distinção de que estes decerto sabiam falar, mas não dialogar, era que podiam dizer muitas coisas sobre qualquer assunto e, não obstante, careciam do momento da apropriação. A apropriação é justamente o segredo do diálogo (KIERKEGAARD, 2010, p. 18).

O que nos cabe agora, dulcíssimo leitor (a), após este percurso e meditação da filosofia de Kierkegaard como paidéia e, portanto, depois de ter saboreado uma espécie de introdução à filosofia de Kierkegaard, é nos lançar desde a tonalidade afetiva (*Stemming*) da *busca pela simplicidade* na viagem do estudo sério de Kierkegaard para nos tornarmos filósofos. E isso não significa o esforço intelectual de tornar-se um erudito arrotando citações de estudiosos, ou falando em dinamarquês na gula intelectual por ser ao menos um “corneteiro de importância absoluta” (KIERKEGAARD, 2008b, p.19), mas o esforço para modificar a própria existência apropriando-se disto que se estuda, reduplicando-o em sua existência. Nisto está a seriedade franciscana, ops!, kierkegaardiana, sendo ao mesmo tempo irônica e muito bem humorada, nunca com feições carrancudas de alguém que se julga um σοφοι. Mas alguém que, com paciência, insiste e persiste na gestação da verdade da apropriação tornando-se apenas e por pura graça num φιλο-σοφο. *Magnificat! Nunc dimittis!*

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. De la doctrina cristiana. In: AGOSTINHO, Santo. **Obras de San Agustin. Tomo XV.** Edición bilingüe. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1957.

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

FOGEL, Gilvan. Notas a respeito da educação. In: **Rev. Filosófica São Boaventura**. v. 3, n. 1, p. 37-48, jan/jun, 2010.

HEIDEGGER, Martin. **Principios metafísicos de la lógica**. Traducción de Juan José García Norro. Madrid: Editorial Síntesis, 2007.

_____. **Ser e Tempo**. Tradução revisada de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Volume Único. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **Fenomenologia da vida religiosa**. Tradução de Enio Paulo Giachini, Jairo Ferrandin, e Renato Kirchner. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2010.

JAEGER, Werner. **Paidéia: A formação do homem grego**. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KIERKEGAARD, Søren. *Lilien paa Marken og Fuglen under Himlen*. In: **Søren Kierkegaards Skrifter Elektronisk** version 1.4, 2009. (SKS 11)

_____. Sygdommen til Døden: en christelig psykologisk Udvikling til Opbyggelse og Opvækkelse. In: **Søren Kierkegaards Skrifter Elektronisk**. Version 1.7, 2012 (SKS 11).

_____. **Diario: 1851-1852**, Vol. 9. 3ª ed. A cura di Cornelio Fabro. Brescia: Morcelliana, 1980. (D 9).

_____. La dialectique de la communication étique et éthico-religieuse. In: KIERKEGAARD, Søren. **Œuvres Complètes: Les Œuvres de l'amour; La dialectique de la communication étique et éthico-religieuse**. Trad. Paul-Henri Tisseau e Else-Marie Jacquet Tisseau. **Tome XIV**, Paris: Édition de L'Orante, 1980 (OC 14).

_____. La neutralité armée. In: KIERKEGAARD, Søren. **Œuvres Complètes: L'École du cristianisme; La neutralité armée; Um article; Sur mon Œuvre d'écrivain**. Trad. Paul-Henri Tisseau e Else-Marie Jacquet Tisseau. **Tome XVII**, Paris: Édition de L'Orante, 1982a (OC 17).

_____. Sur mon Œuvre d'écrivain. In: KIERKEGAARD, Søren. **Œuvres Complètes: L'École du cristianisme; La neutralité armée; Um**

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

article; Sur mon Œuvre d'écrivain. Trad. Paul-Henri Tisseau e Else-Marie Jacquet Tisseau. **Tome XVII**, Paris: Édition de L'Orante, 1982b (OC 17).

KIERKEGAARD, Søren. Point de vue explicatif de mon oeuvre d'écrivain. In: **Œuvres complètes de Søren Kierkegaard**: Point de vue explicatif de mon oeuvre d'écrivain; Deus petits traités éthico-religieux; La maladie a la mort; Six discours. **Tome XVI**. Traduction Paul-Henri Tisseau e Else-Marie Jacquet Tisseau. Paris: Edition de L'orante, 1971 (OC 16).

_____. **Ponto de vista explicativo da minha obra de escritor**: uma comunicação direta, relatório à História. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 2002.

_____. **As obras do amor**: algumas considerações cristãs em forma de discursos. Tradutor Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

_____. El lírio en el campo y el pájaro bajo el cielo. Tres discursos piadosos [1849]. In: **Los lirios del campo y las aves del cielo**. Traducción de Demetrio Gutiérrez Rivero. Madrid: Trotta, 2007.

_____. **La enfermedad mortal**: una exposición Cristiano-psicológica para edificar y despertar. Traducción de Demetrio Gutiérrez Rivero. Madrid: Trotta, 2008a.

_____. **Migalhas filosóficas ou um bocadinho de filosofia de João Climacus**. Tradução de Ernani Reichmann e Álvaro L. M. Valls. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008b.

_____. **O conceito de angústia**: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis. Tradução de Álvaro L. M. Valls. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2010.

_____. **La época presente**. Introducción, traducción y notas de Manfred Svensson. Madrid: Trotta, 2012.

_____. **Pós-escrito conclusivo não científico às migalhas filosóficas**: coletânea mímico-patético-dialética, contribuição existencial,

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

por Johannes Climacus. Vol. 1. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2013.

KIERKEGAARD, Søren. **Pós-escrito conclusivo não científico às migalhas filosóficas:** coletânea mímico-patético-dialética, contribuição existencial, por Johannes Climacus. Vol. 2. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2016.

_____. O evangelho dos sofrimentos. In: **Discursos edificantes em diversos espíritos:** o que aprendemos dos lírios do campo e das aves do céu; O evangelho dos sofrimentos. Tradução de Álvaro Valls, e Else Hagelund. São Paulo: LiberArs, 2018.

MARCEL, Gabriel. **Aproximación al misterio del Ser:** posiciones y aproximaciones concretas al misterio ontológico. Traducción, prólogo y notas de José Luis Cañas. Madrid: Ediciones Encuentro, 1987.

PLATÃO. **A república.** 12^a ed. Introdução, Tradução e Notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

SCHOPENHAUER, Artur. Fragmentos sobre la historia de la filosofía. In: **Parega y paralipómena:** escritos filosóficos menores. Vol. 1. Traducción de Pilar López de Santa María. Madrid: Editorial Trotta, 2006.